

## Vagalumes<sup>1</sup>

Rafael Sampaio MARTINS<sup>2</sup>

José MAMEDE<sup>3</sup>

Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM), Salvador, BA

### RESUMO

Este trabalho é a memória descritiva da elaboração do livro fotográfico “Vagalumes: Fotografia Noturna nas Ruínas de Igatu”, um projeto de fotografia noturna desenvolvido com o intuito de promover, por meio de imagens, a preservação do espaço da Vila de Igatu e de seu passado. Buscamos inserir as ruínas através da fotografia noturna e da técnica do *light painting* em um universo mágico e onírico. Ressaltamos a importância de conservar as antigas construções de Igatu para a memória e identidade local.

**PALAVRAS- CHAVE:** fotografia noturna, light painting, ruínas de Igatu, paisagem e memória

### 1 INTRODUÇÃO

Quando descoberta, a fotografia representou a busca da verdade, da transmissão da informação sem a manipulação do homem. Uma precisão matemática entre a imagem e o objeto, a natureza “representando-se a si mesma”. Foi construída culturalmente como uma ferramenta para a captura do real, como se este fosse um objeto a ser alcançado, e não um juízo de valor passível de interpretações distintas. Atualmente, sua natureza complexa é compreendida de outra forma. Ficção e realidade se misturam na trama fotográfica. A fotografia possui o poder de fabricar tanto um reflexo da alucinação quanto uma imagem da realidade. A fotografia jamais é fiel, sempre metamorfoseante e ficcionalizante, mais do que um espelho que detém o tempo, ela é um espelho onde a alucinação ganha status de realidade graças à imagem. A idéia de que as realidades são construídas junto com suas formas de representação é fundamental na fotografia contemporânea.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade fotografia artística.

<sup>2</sup> Aluno líder e estudante formando do ano de 2011.2. email, rafael\_tins@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação da UFBA, email: mamede@ufba.br

Igatu foi uma importante cidade do Ciclo do Diamante na Chapada Diamantina. Possuía uma população grande e diversas lojas de varejo. Porém, após o declínio da atividade diamantífera, sofreu um enorme esvaziamento, ficando esquecida e abandonada. Foi esta locação, com suas ruínas e memórias, que escolhi como cenário para o trabalho. Queria usar os traços e adições de luzes para repovoar este espaço abandonado. Através do aparelho fotográfico, construiria uma realidade efêmera que só poderia emergir como imagem através da fotografia. A fotografia e a técnica do *light painting* são os meios para inserir o cenário de abandono das ruínas de Igatu em um universo dinamizado novamente, colocando em foco a importância de se preservar aquelas construções como memória e identidade desta região.

## 2 OBJETIVO

### Objetivo geral:

- Produzir, através da fotografia, imagens que pudessem repovoar efemeramente o espaço abandonado da vila de Igatu.

### Objetivos específicos:

- Colaborar para o fortalecimento da memória local e preservação da identidade dos moradores da vila de Igatu
- Divulgar a importância de Igatu no ciclo diamantífero na Bahia através do livro e assim, fortalecer políticas públicas no sentido da preservação material e imaterial da cultura local.

## 3 JUSTIFICATIVA

Desde cedo a paisagem é um tema recorrente aos ensaios fotográficos. A fotografia, enquanto máquina de ver, trabalhou junto com as estradas de ferro, o telégrafo e a navegação a vapor para expandir as dimensões do real e do visível. Na época da primeira revolução industrial, ela foi peça fundamental para aumentar o espectro do mundo conhecido, tornando visíveis novas paisagens e aproximando realidades. A mecânica fotográfica, com sua máquina óptica e química no lugar das mãos e olhos de desenhistas e pintores, redistribuiu a relação que havia entre a imagem, o real e a mediação humana.

Enquanto as imagens manuais dependem do corpo, da mediação humana, afastando-se da contiguidade com o real, as imagens fotográficas - impressões luminosas - ligam o viver à imagem. Esta condição técnica traz para a fotografia o privilégio de mostrar novos mundos, trazer imagens de lugares ainda desconhecidos, formando novas visões do homem sobre o espaço que habita (ROUILLÉ, 2009).

Apesar de estar presente desde as primeiras experimentações, a fotografia noturna tem aparecido somente agora como um campo de estudo mais autônomo, com prática mais especializada e pesquisas teóricas mais dirigidas. A longa exposição, característica principal dos trabalhos de fotografia noturna, proporciona fazer uma analogia entre a fotografia e o fóssil. É o tempo do lugar que se sedimenta na foto e forma uma espécie de estratificação das várias camadas temporais que se somam ali na superfície da imagem. Ao invés da captura rápida das condições daquele cenário, a imagem é o resultado da soma do tempo que a superfície fotográfica ficou exposta, produzindo uma imagem fóssil que revela aquele cenário de uma forma que não é possível perceber sem a intermediação do aparelho fotográfico.

No trabalho que fiz em Igatu busquei pesquisar as possibilidades de aplicação do *light painting* em conjunto com a iluminação do ambiente. A intenção era interferir luminosamente naqueles cenários, inserindo elementos que dinamizassem novamente aquelas paisagens de ruínas. Assim, utilizando da realidade própria da fotografia, que só pode ser percebida no resultado final, gravado sobre o sensor e depois impresso em papel, estaria reabitando aqueles espaços. Além da iluminação da Lua, os postes e luzes residenciais também foram considerados nas escolhas dos locais a serem trabalhados. É importante ressaltar que a ficção não é mentira ou ilusão: é um gênero expressivo que possibilita a criação do outro em função dos próprios desejos e temores. O receptor não pode deixar de questionar a pretensa realidade e a relação que ele mesmo tem com a imagem. A ficção talvez seja a melhor forma de compreender a realidade, ela pode ser fonte de verdade. Não se trata de tentar atingir a realidade através da fotografia, mas de visá-la na realidade fotográfica (SOULAGE, 2010).

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Antes de começar a produzir as fotos, fui a Igatu duas vezes para conhecer melhor o local, ver possíveis cenários para as imagens e conversar com seus habitantes. Caminhando pelo entorno de Igatu percebi o tamanho que esta vila já teve e o quanto ela diminuiu. A vila possuía uma população média de sete mil pessoas espalhadas pela Serra do Sincorá e, hoje, Igatu possui somente 400 habitantes em média. A antiga Chic-Chic do Igatu possuía usina hidroelétrica, teatro, cinema, filarmônica, lojas de perfumaria e Ourivesaria, era uma das cidades mais importantes das Lavras Diamantinas, passagem entre Lençóis e Mucugê. Muros de pedra, fachadas datadas de 1890, 1940, ruínas de grandes pilares das fundações de armazéns e casas de varejo são vistos dentre os bares, restaurante e moradias atuais. Para trabalhar neste cenário histórico foi fundamental uma pesquisa informal com os moradores, sobretudo os mais velhos. Informal porque se baseava na conversa. Não há documentos históricos sobre o processo de ocupação e desocupação do espaço da vila. O documento que concentra a maioria das informações sobre Igatu é seu inventário patrimonial, feito pelo centro cultural de Chic- Chic em convênio com o Banco do Nordeste. Além deste documento, a conversa atenta e a forma de me relacionar com os habitantes de Igatu foi a principal fonte de inspiração para compor as imagens feitas a noite.

Trabalhar a noite com fotografia requer cuidados especiais. Capacidades técnicas como foco e composição ficam mais complexas devido à falta de luz. Era necessário usar ISO expandido para compor uma imagem teste e lanternas no objeto a ser fotografado para fazer o foco de forma precisa. Além disto, a própria movimentação no ambiente era difícil, os animais peçonhentos também preocupavam. Por isto, antes de ir trabalhar a noite, sempre visitava de dia o local para capinar os matos, reconhecer os prováveis caminhos que faria no escuro e averiguar se não havia tocas de animais por perto. Outro fator importante eram as ferramentas luminosas que usei para inserir luz nos cenários. Lanternas, fogos de artifícios, flash, velas. Precisava ter uma significativa variação de potências luminosas, intensidades focais, temperaturas de cor, difusão da luminosidade, dentre outras características das lanternas usadas no trabalho. Há também a diferença de iluminar com uma luz constante, tipo de uma lanterna acesa, e uma iluminação instantânea como a de um *flash*, que ilumina em fração de segundo. Gostei da experiência de inserir ferramentas luminosas típicas da região, pois reforça o laço da técnica com o objeto estudado, ou seja, do *light painting*, a pintura de luz, com Igatu. Usei a “latovela”, instrumento artesanal que

as crianças usam para guiar a noite e o candeeiro para pintar com luz as ruínas da Vila, reforçando a presença da cultura local na forma de representar este cenário.

Fotografar noturnamente significa investir tempo nas fotografias. Cada imagem demanda, em média, oito a quinze minutos. É um trabalho de paciência. A concentração é fundamental para perceber o somatório das luzes no cenário, tenho que me lembrar do que já fiz, por onde já passei e não esquecer que na imagem as estratificações luminosas estão se sedimentando e a fotografia será o resultado, a soma, de todo este tempo de trabalho. A preocupação em produzir a imagem é qualitativa e não quantitativa. Passei noites inteiras (4 horas) para voltar com duas grandes imagens que foram o resultado de uma série de testes com ajustes. Trabalho com o mesmo enquadramento bastante tempo, mudando somente os elementos luminosos no cenário.

Usei sempre uma Nikon D200 digital e uma Nikon F4 para fazer os registros. O ISO era majoritariamente o 400, pois dava conta tanto da força luminosa de minhas lanternas quanto das luzes exteriores. Foi a melhor relação que achei entre as duas, mas obviamente, mudava a depender da situação luminosa encontrada. As lentes foram basicamente uma 20mm ( $f/2.8$ ) e outra lente zoom 28.0 85.0mm ( $f/3.5-4.5$ ), para os dois corpos de máquina.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Vagalumes é um livro produto feito como meu trabalho de conclusão do curso de Comunicação da Universidade Federal da Bahia na habilitação de Produção em Comunicação e Cultura. O livro contém 28 imagens, todas produzidas na região da Chapada Diamante/BA, mais precisamente na vila de Igatu. A produção destas imagens aconteceu entre os meses de Junho a Outubro de 2011. Foram feitas, em média, 150imagens de todo o processo, desde os bastidores da produção até as imagens noturnas apresentadas no livro Vagalumes.

O principal intuito deste livro é contribuir para a divulgação e preservação da vila de Igatu. Através de um trabalho plástico, refletimos sobre a relação do homem com o espaço que ocupa e valorizamos a cultura e a riqueza patrimonial local. As composições das fotografias e seus elementos visuais foram pensados no intuito de reforçar a relação do homem com seu

ambiente, as fotos mostram a arquitetura típica do local, o garimpeiro e a natureza exuberante do local.

O resultado exposto no livro é, também, fruto de uma pesquisa intensa sobre a fotografia noturna e a técnica do *light painting*. Este livro materializa um avanço importante no campo da prática da fotografia noturna e tem também como objetivo difundir este campo que, não é novo, mas ainda é pouco conhecido entre os fotógrafos e outros profissionais da comunicação.

## 6 CONSIDERAÇÕES

A fotografia é comunicação visual. Este trabalho é considerado arte pela sua extrema capacidade plástica e seu requinte estético. Ou até mesmo, pelo estranhamento que ele nos causa por não entendermos bem de qual realidade ele faz parte. Eu afirmo que é a realidade fotográfica. . Não se trata de tentar atingir a realidade através da fotografia, mas de visá-la na realidade fotográfica (SOULAGE, 2010).

Com a fotografia, a obra de arte pode pertencer a dois mundos: o mundo real onde nasceu, e o mundo irreal, onde é metamorfoseada e se torna fotográfica. São os dois tempos da fotografia, o da captura e o da recepção. Portanto, a fotografia não nos dá a realidade, em compensação, pode questioná-la. A realidade mista, proporcionada pela imagem técnica, é a ferramenta de intervenção nas formas de representação que ajudam a construir imaginários e memórias nesta região de Igatu.

Assim, a comunicação que eu espero deste trabalho é o ilusionismo, para que possamos ir mais fundo em nossos imaginários e soltar na mente realidades que, em muito breve, possam se tornar palpáveis. Afinal, é a partir das ideias, das perguntas, que nos vemos e assim, movemos o mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUNE, Fernando. **O Surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

COTTON, Charlotte. **A Fotografia como arte contemporânea**. Tradução Maria Silvia Mourão Netto. 1. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Título original: The photograph as contemporary art.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Tradução de Ediouro Publicações Ltda. 1. Ed. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009. Título original: Für eine Philosophie der Fotografie.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KEIMIG, Lance. **Night Photography**: finding your way in the dark. Oxford, UK: Focal Press, 2010.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia: O efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007

LISSOVSKY, Maurício. Rastros da Paisagem: A fotografia e a proveniência dos lugares. **Contemporanea**, Revista de Comunicação e Cultura, Salvador, v.09, n.02, 2011. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/issue/current>>. Acesso em: 20 nov. 2011

ROUILLÉ, André. **A Fotografia entre documento e arte contemporânea**. Tradução Constancia Egrejas. 1. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005. Título original La photographie.

SOULAGE, François. **Estética da Fotografia: Perda e Permanência**. Tradução de Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. 1. Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010. Título original: Esthétique de la photographie: la perte et le reste.